

# DEPOIMENTO

## Mestra IRACI: Evocações de uma professora rural \*



**Ao procurarmos a Mestra Iraci para entrevistá-la, ela se dispôs a escrever um pequeno relatório sobre a trajetória de sua carreira como professora primária. Mesmo consciente da gravação da entrevista, ela insistiu em escrever pessoalmente o seu próprio relatório.**

**Optamos por considerar, aqui, apenas o relatório escrito pela Mestra, respeitando a autenticidade de suas colocações e de sua linguagem.**

**Achamos necessário lembrar que a entrevista teve início no dia 10 de outubro de 1988 na cidade de São José do Jacuri – MG, a 300 km de Belo Horizonte.**

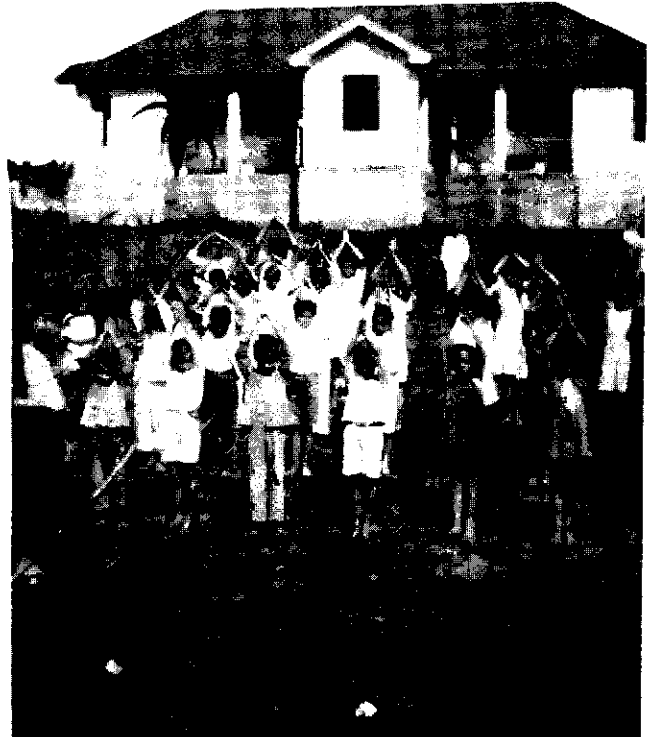
A nossa entrevistada atuou como professora primária no período de 1926 a 1954 e hoje está com 85 anos de idade. Muito consciente de suas palavras e muito motivada a “contar sua história”, ela conduziu a entrevista muito emocionada pela rara oportunidade de falar um pouco de si mesma e da sua atuação como professora numa época em que “aprender a ler e escrever” exigia muitos esforços e interesse, e ensinar “exigia muita dedicação e persistência”.

Mestra Iraci nunca se casou. Ela é a única filha entre cinco irmãos. Hoje seus pais já estão mortos, juntamente com alguns de seus irmãos. Ela não tem nenhum contato com seus parentes e mora sozinha; conta apenas com uma senhora que faz os serviços domésticos. Apesar de seus 85 anos, a Mestra se apresenta muito conservada e disposta fisicamente. Gosta sempre de viajar, participar de grandes comemorações e aprecia a boa comida, além de sempre renovar seu guarda-roupa. Já aposentada e tendo uma certa estabilidade financeira, goza também de um certo *status* na cidade. Todos conservam um certo respeito por ela, que ainda desfruta do privilégio de ser convidada especial para formaturas, festas em escolas e outras comemorações. A palavra “Mestra” antes do seu nome não surgiu por acaso – é assim que todos na cidade a conhecem. Coincidência ou não ela é a única ex-professora a ser chamada assim no local. É justamente neste simples termo que consiste o seu maior orgulho: “Ser Mestra”. Como ela mesma afirma: “Me orgulho porque com o meu simples palavreado tirei muitos do analfabetismo”.

\* Depoimento concedido a Margarete da Silva Oliveira e Maria Magdália de Araújo Silva, alunas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFMG. Trata-se de atividade integrante do curso de “Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau”, sob responsabilidade das professoras Maria Auxiliadora de Araújo Machado e Léa Pinheiro Paixão; integra ainda a pesquisa “A escola primária mineira – anos trinta”, coordenada pela Profa. Léa Pinheiro Paixão e apoiada pelo CNPq.

"Tomei posse em Peçanha e no dia seguinte para o Jambeiro, para começar as aulas no dia 15 de janeiro de 1926. Nesta época, as aulas começaram no dia 15 de janeiro até 15 de junho iniciando no dia 1º de julho onde começavam as férias. Iniciando no dia 1º de julho chegando em Jambeiro um povoado distante de Peçanha 13 quilômetros e de São José do Jacuri 5 quilômetros. Chegando em Jambeiro achei tudo diferente, sem luz e sem estrada, sem água e sem uma pessoa para trocar as idéias. Fiquei na casa do Sr. Antônio Felipe Serpa e de D. Maria de Lourdes Serpa, mulher distinta caridosa e boa amiga me recebeu como se fosse filha e logo disse ao papai: mais um filha que ganhei. Com o modo que ela D. Maria de Lourdes me recebeu eu fiquei mais animada. No outro dia meu pai voltou para Peçanha e eu fiquei naquele lugar cercado de montanhas e eu no meio de estranhos, tudo isso para ajudar o meu que se achava bastante velho e sem recursos financeiros o emprego que ocupava ganhava pouco. Eu vim para Jambeiro só para auxiliar a minha família porque meu pai tomou duas netinhas para criar porque a mãe abandonou o lar.

No dia 15 de janeiro de 1926 arranjei uma sala para lecionar. Depois que já tinha feito a matrícula consegui matricular 45 meninos, fora os de longe como São Gil, Tabatinga. Iniciei o meu trabalho mas quando comecei não tinha carteiras. Arranjei um banco e caixotes de querosene para os meninos assentar. Eu fiz uma mesa de caixote e me assentava em um tamborete. Na primeira semana de Jambeiro não ensinei nada, só conversando com os meninos como eu queria que procedesse na escola e na rua do povoado. A primeira coisa que fiz foi tirar os meninos das vendas e aconselhei para não beber cachaça. Pedi para trazer um lápis e um caderno que custava cem reis naquele tempo e era a moeda que corria. Uns diziam que não conhecia caderno nunca viu e perguntava se casca de palmito servia. No primeiro domingo que eu estava lá eu convidei os alunos para virem a capelinha para aprenderem o catecismo e que trouxessem a mamãe e o papai e os irmãozinhos. No domingo a capelinha encheu de gente e eu fiquei entusiasmada e logo comecei a dar o catecismo iniciando com o Pelo Sinal (que não sabiam). Vendo o atraso dos meninos, pedi as mães para me ajudar a ensinar os filhos o Pelo Sinal. Nem ajoelhar não sabiam. Ajoelhava e assentava nos calcanhares. Até isto eu ensinei. Chegou a segunda semana fui ensinar as primeiras letras, as vogais. Para chamar atenção dos meninos eu desenhei uma carinha e cerquei com um circo e coloquei o A assim fiz com todas as letras, vogais cada uma com a carinha diferente. Eles gostaram, riram mas não conversavam na sala ouvindo as explicações da mestra e logo com a primeira lição notei que viam bolas mais inteligentes e obedientes. Assim eu pude conseguir uni as carinhas com as letras e formavam uma sílaba. Por exemplo: quando alguém beliscava ou machucava, logo dizia "ai". Então eu escrevia, ensinava um a e um í, faz ai. Assim fiz com toda turma e com todas as letras vogais. Na semana seguinte recordei a primeira semana se eles estavam gostando. Mandei comprar cadernos na coluna, Jacuri e Itamarandiba e reparti com os alunos, eles acharam o caderno bonito e logo começaram a desenhar as vogais. Uns escreveram feio, uns rabiscos, outros fazia rodinhas e eu achava bonito e ensinava no quadro ou na tábua com tabatinga porque na escola não tinha nada. Eu fazia as letras com pontinhos e os alunos com o pedaço de tabatinga ou barro branco e ligava os pontinhos e formavam as letras. Foi difícil no começo mas foram aprendendo vagarosamente. Para mim que



nunca sai de casa, o primeiro lugar foi Jambeiro, era a minha distração lidar com crianças que pareciam mais índios ou bugres. Mas com a proteção da Maria Imaculada que é a padroeira do povoado do Jambeiro venci a pesada tarefa com muito orgulho porque lutar com uma classe analfabeta de pai e mãe e com 3 meses, a metade dos alunos já sabiam a ler as palavras de duas sílabas. No fim do ano fazia o exame dos alunos para saber o que aprenderam. Para isso vinha o Inspetor Escolar Sr. José Barroso de Oliveira de São José do Jacuri para examinar e saber se os alunos estavam aprendendo. No final do exame o Inspetor ficou satisfeito com o meu método de ensino. Ele disse: continua o seu método que dará resultado no fim do 2º e 3º ano. Foram promovidos ao 2º ano 25 alunos e os outros ficaram como repetente. No primeiro ano que estava em Jambeiro não fui em casa passar férias, fiquei em Jambeiro só para ensinar os alunos como se comemorava o Natal de Jesus. Fiz um presépio na Capelinha e convidei aos alunos de perto para trazer sua mãe, pai e parentes para rezar o terço na capelinha e colocar o menino Jesus na mangedora, lá que ele nasceu, lugar dos animais esconderem do sol, da chuva. Lá que nasceu Jesus. Explicava como Nossa Senhora chegou lá, saiu fugida com medo da perseguição do Imperador. Terminada a palestra cantamos o canto "Já nasceu o nosso bem". Canto que ensinei. Terminando todos respeitando o dia, foram para suas casas todos satisfeitos porque eles e seus filhos nunca viram um presépio e nunca fez um Natal de Jesus. Aproveitava uns 5 dias de dezembro para mostrar o Inspetor Escolar e para dar visto e assinatura do Masp Escolar e mandar para a Secretaria do Ensino. Logo que terminaram as aulas dei os meus conselhos aos alunos mandei que cortasse o cabelo, procurasse um pento fino para limpar a cabeça e cortar as unhas e tirar os bichos se por acaso entrou no pezinho e nas mãos. Chegando o mês de janeiro de 1927

voltamos para a nossa rotina estudar e aprender. Mas agora era diferente tinha na salinha 1º e 2º ano, 1º ano com 35 e 2º ano com 25 alunos para ensinar os dois 1º e 2º ano em um quarto apertado e eu sozinha mas graças a Virgem tomei e dei conta. Quando estava ensinando o primeiro ano no quadro o 2º ano estava fazendo escrita, chegou na porta um senhor sorridente e fui receber e logo vi que era mudo ele queria aprender a ler mas como, se era mudo. Os meninos ficaram ansiosos de saber o que eu iria resolver. Expliquei para o mudo em gesto que fosse na minha casa que eu ensinava escrever o nome. Ele compreendeu e saiu satisfeito.

No outro dia ele veio a minha casa, como era dia de folga quinta-feira convidei o mudo a entrar. Ele estava com um chapéu muito velho, estragado. Eu desenhei um chapéu no quadro e escrevi o nome CHAPÉU em letra de forma ele olhou, riu muito e tomou o lápis e foi rabiscando o papel até que consegui fazer o CHA eu bati palma e mostrei que estava satisfeita. Com esse sacrifício eu ensinei escrever o nome JOÃO depois que aprendeu desenhar o nome chapéu. Queria conhecer dinheiro e fazer conta deixei para finais de junho, ficava muito apertado para mim. Ele não gostou, queria ficar junto aos meninos lá na escola. Com jeitinho não consenti porque atrapalhava a disciplina que eu estava implantando na escola. Na escola não tinha nada. Com o meu diminuto salário eu comprava o que faltava. Tudo era longe 5, 6 quilômetros. Iniciei as aulas do 2º ano de trabalho com 45 matriculados e 32 freqüentes. Lecionava na sala pequena que mal cabia a Mestra. Com 28 alunos no 2º ano e o restante do 1º ano repetente. Lecionava 4 horas enquanto o 1º ano estava lendo no quadro o 2º ano estava escrevendo ora copia ou números. Quando algum aluno não compreendia eu dava serviço aos outros e levava para o quadro aqueles que não conseguiram aprender ensinava de outro modo em parte depois juntava para melhor compreensão. Se aprendesse depressa eu dava viva e batia palmas assim eles ficavam entusiasmados e procuravam prestar mais atenção para aprender depressa. Dava liberdade a turma para perguntar o que não compreenderam e não aprenderam. Eu com toda paciência, amor e caridade, ensinava novamente, bem devagarinho, procurando pronunciar bem as palavras para melhor compreensão. Dava muito trabalho mas obtive bons resultados. Nas datas cívicas fazia comemoração das datas, falava sobre a data e dava curcinhos aos meninos para falar em frente dos meninos para aprender e não ter vergonha. Marchava com os meninos e eu mesma batia caixa e cada um com sua carabina de madeira ensinei todo manejo com a carabina e aprenderam a marchar como um militar. Passando para o 3º ano no ano de 1928 tive poucos alunos, por não ter condição de lecionar para as três turmas. A mestra não tem tempo para nada quando o 1º ano estava fazendo cópia e lendo o que escreveu, o 2º ano estava estudando a taboada e o 3º ano estava ouvindo as explicações. Dava Geografia, História do Brasil e História Natural, Matemática e Português. Explicava e dava para copiar tudo em pergunta e resposta. Notei que dando as perguntas era mais fácil a compreensão. Assim fazia com toda matéria. Estudava com eles os pontos marcados para aprender a estudar. Quando estava ocupada com o 1º e o 2º ano o 3º estavam estudando ou copiando os pontos explicados. Quando não aprendiam eu explicava novamente até aprenderem. A luta de uma professora só com três classes é bastante pesada mas venci. No 2º ano eu fui visitada pelo Inspetor Escolar de Peçanha então Diretor do "Grupo Escolar Dr. Simão da Cunha Pereira".

Pedi que ele tivesse dó dos alunos estavam mal acomodados, fizesse aumenos uma sala e nesse mesmo ano ele mandou fazer a sala ao lado da capelinha e mandou creio ser 20 carteiras usadas que muito ajudaram. Fiz classe de pau e tábua na sala, enfiada no chão. Nesta sala apesar de ser terrea os alunos ficaram bem acomodados. O Inspetor Escolar Dr. Edgardo da Cunha gostou do meu modo de ensinar e viu como os alunos estavam aprendendo com o método que adotei. Na entrada da escola os alunos sem eu mandar bateram palmas e não cometeram falta de educação. Fizemos a leitura para o Inspetor ver os alunos chamado para ler, fazia a leitura devagar em voz alta e pronunciando bem as palavras. O Inspetor deu-me os parabéns de ter ensinado com tão pouco tempo gostou muito dos alunos marcharem com as carabinas de pau. Deixou no livro o termo de visita muito bom. No ano seguinte eu fui transferida para a Escola Estadual Monsenhor Pinheiro de Jacuri para a 3ª cadeira e aqui estou desde 1928 até 1954 como professora. Ficando gravado no meu coração a grande saudade do meu Jambeiro e dos meus alunos. Hoje vejo quanto trabalhei no Jambeiro porque me orgulho de ter o padre, professores, médico, engenheiro e um Irmão leigo que foi o meu braço direito lá no Jambeiro. Hoje ele é Irmão leigo em Barbacena. Me orgulho porque com o meu humilde palavriado tirei muitos do analfabetismo".

#### Aos leitores e Colaboradores:

Estamos realizando uma pesquisa sobre "A Escola Primária Mineira na década de 30", com apoio do CNPq. Se você tem vínculos com professores desse período, colabore conosco. Interessamos receber relatos escritos sobre a vida da professora primária naquela época: por que e como decidiu ser professora primária, descrição de seu trabalho na escola e de suas relações com a comunidade. Estamos também interessados em fotografias e materiais didáticos utilizados no referido período.

Correspondência para:  
Léa Pinheiro Paixão  
Av. Cel. Dias Bicalho, 420 - aptº 302  
31.270 - Belo Horizonte - MG.